



Universidade: presente!

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Movimentos sociais, ONGS e lideranças: o caso do movimento de travestis e transexuais em Porto Alegre
Autor	AUGUSTA DA SILVEIRA DE OLIVEIRA
Orientador	CELI REGINA JARDIM PINTO

Movimentos sociais, ONGS e lideranças: o caso do movimento de travestis e transexuais em Porto Alegre

Autora: Augusta da Silveira de Oliveira

Orientadora: Céli Regina Jardim Pinto

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

O movimento de travestis e transexuais em Porto Alegre é marcado pela emergência da epidemia de AIDS na década de 1980. Além da resposta governamental à crise, a organização da sociedade civil foi central para atuação em conjunto. Criado em 1989, em Porto Alegre, o GAPA/RS (Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS) é expoente da organização da sociedade civil e estabelece relações com o Estado, auxiliando na implementação das políticas públicas relativas à prevenção e controle da AIDS.

A ONG Igualdade - Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul surge em 1999, resultado de distintas ações para fomentar a auto-organização no grupo de travestis e transexuais que se reunia semanalmente no GAPA, e realiza o trabalho de prevenção a AIDS e atendimento da população trans e atua combativamente no movimento LGBT pelo direito das pessoas trans. O GAPA, e depois a Igualdade, fazem a ponte entre Estado e as pessoas que acessam os serviços, seja em relação a prevenção a AIDS ou outras demandas individuais como serviços de assistência jurídica ou acesso a atendimentos de saúde.

Esse trabalho busca discutir o papel das lideranças no movimento de travestis e transexuais e na Igualdade, sua influência para o sucesso dessas ações ao longo dos anos. É fundamental para pensarmos de que forma a “personalização”, ou a concentração de funções e atividades contribui ou não para o movimento de travestis e transexuais, tanto na Igualdade como no período do GAPA. Para essa análise, foram utilizadas entrevistas com voluntários do GAPA, da Igualdade e com pessoas que acessavam os grupos semanais na instituição, bem como com pessoas envolvidas com o movimento de travestis e transexuais no âmbito nacional, de forma a compreender o fenômeno.

Os relatos indicam que, por parte dos voluntários do GAPA, havia expressa preocupação com a capacitação de lideranças que poderiam levar à frente o movimento auto-organizado de luta pelos direitos das pessoas trans, fato percebido pelas travestis e trans que frequentavam o grupo semanal. A ideia principal que perpassa essas narrativas é a noção da liderança como um lugar privilegiado, que confere poder a quem ocupa essa posição.

Nesse sentido, desde a formalização da Igualdade como ONG em 1999, as lideranças longevas à frente do movimento em Porto Alegre indicam que o capital acumulado ao longo dos anos de militância, assim como uma posição de destaque dentre as travestis e transexuais, são significativos para a concentração e personalização do movimento em algumas pessoas-chave, que, embora confirmam credibilidade, acumulam funções e viram sinônimo da instituição em si.